

O DIREITO À EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DA “PALAVRAMUNDO”: REFLEXÕES DE EXPERIÊNCIAS ENGENDRADAS DO CHÃO DA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Weslei Ribeiro da Cunha¹

Eduardo Ferreira Chagas²

Antonio Marcondes dos Santos Pereira³

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de ampliar o debate acerca do direito à expressão artística para estudantes da rede pública de ensino como forma de construirmos oportunidades para uma educação emancipadora, as quais sejam inseridas no currículo, haja visto que a escola precisa estar articulada às práticas culturais e políticas da cidade. No que concerne à oportunidade e valorização de expressar-se por meio da Arte, seja a Pintura, a Literatura e outras modalidades, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) exerceu significativa contribuição para o encontro entre a escola e o patrimônio histórico-cultural da cidade, sobretudo no que tange às coleções do artista Descartes Gadelha, a partir das quais foram engendradas pesquisas e oficinas artísticas que permitiram a sensibilização do olhar para os invisibilizados da cidade, assim como suscitou a crítica para uma desnaturalização das desigualdades sociais de nossa tessitura social. Nesse sentido, pensar a escola e o processo democrático de aprendizado para a construção da “palavramundo” (Freire, 1990) pelos próprios educandos, é fomentar uma reflexão acerca do currículo enquanto um “território em disputa” (Arroyo, 2023), por ser ele o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por meio da “palavramundo” (Freire, 1990), verificamos um processo de recriação e produção de releituras de conhecimentos de nosso patrimônio histórico-cultural que interagem com experiências trazidas nas narrativas dos nossos estudantes, num processo de apropriação e transformação do qual resultam descobertas sobre a própria condição humana, que ampliam o próprio sentido do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: “Palavramundo”. Direito. Artes. Educação. Currículo.

THE RIGHT TO ARTISTIC EXPRESSION IN THE CONSTRUCTION OF THE WORD-WORLD: REFLECTIONS ON EXPERIENCES ENGENDERED FROM THE GROUND OF THE PUBLIC MUNICIPAL SCHOOL NETWORK OF FORTALEZA

Abstract : This article aims to broaden the debate about the right to artistic expression for students in public schools as a way to create opportunities for an emancipatory education, which should be integrated into the curriculum, considering that the school needs to be connected to the cultural and political practices of the city. Regarding the opportunity and valorization of expressing oneself through Art., the Art Museum of the Federal University of Ceará (MAUC) made a significant contribution to the meeting between the school and the historical-

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (2017). Autor do livro “Uma alegria difícil: Clarice Lispector - linguagem e esforço humano”. Professor da rede pública municipal de Fortaleza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7798-9369>. E-mail: wesleiribeiro@gmail.com

² Doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha) (2002) e PhD em Filosofia pela Universität Münster (Alemanha) (2019). Professor da Universidade Federal do Ceará (associado 4) do Curso de Filosofia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2018), com Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha: Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS). Professor da rede pública municipal de Fortaleza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0890-9011>. E-mail: marcondespsantos83@gmail.com

cultural heritage of the city, especially regarding the collections of the artist Descartes Gadelha, from which research and artistic workshops were created that allowed for sensitizing the gaze to those made invisible in the city, as well as prompted criticism towards denaturalizing social inequalities in our social fabric. Therefore, thinking about the school and the democratic learning process for building the "world-word" (FREIRE: 1990) by the students themselves is to foster a reflection on the curriculum as a "territory in dispute" (ARROYO: 2023), as it is the core and most structuring central space of the school's function. Through "world-word" (FREIRE: 1990), we observe a process of recreation and production of reinterpretations of knowledge from our historical-cultural heritage that interact with experiences brought in narratives from our students, in a process of appropriation and transformation from which discoveries about human condition arise, expanding the very sense of teaching-learning process.

Keywords: "World-word". Right. Arts. Education. Curriculum.

1. O direito à expressão artística: a construção da “palavramundo”

No presente trabalho, pretendemos ampliar o debate acerca do direito à expressão artística para estudantes da rede pública de ensino como forma de construirmos oportunidades para uma educação emancipadora, as quais sejam inseridas no currículo, haja visto que a escola precisa estar articulada às práticas culturais e políticas da cidade. Nesse sentido, em consonância com a concepção de Miguel Arroyo (2023, p. 32), a sala de aula, o “chão da escola” é um “território em disputa”, na medida em que “as práticas, indagações, saberes, procuras de significados e explicações do viver dos alunos e dos próprios mestres incomodam e tencionam visões épicas, futuristas das ciências, das tecnologias e dos conhecimentos legitimados nos currículos”.

Para além de uma “educação bancária” (Freire, 2022), compreendemos que a escola é um espaço democrático de interação e inclusão social que visa ampliar o repertório de leitura da realidade dos estudantes, para uma formação humana mais crítica que o permita interferir na construção da própria narrativa enquanto sujeitos históricos. Não basta, pois, a mera decifração dos códigos ou treinamentos exaustivos que preparam para avaliações objetivas.

Por meio das concepções de Miguel Arroyo, Paulo Freire e Antonio Candido, com o intuito de fomentar um debate que convirja para a fundamentação das razões que movem os educadores (as) por uma educação de qualidade, verificamos um caráter de urgência no que concerne ao oferecimento de mais oportunidades para todos, do acesso ao patrimônio histórico-cultural da cidade, assim como é fundamental o direito à expressão artística, atividades que devem integrar o currículo visando à qualidade do ensino.

No que concerne à oportunidade e valorização de expressar-se por meio da Arte, seja a Pintura, a Literatura e outras modalidades, subjacente à publicação de suas representações, há

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 603 - 618
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

importantes narrativas, experiências de “leitura do mundo e da palavra” (Freire, 1990, p.9), as quais não podemos ignorar ou discriminar. É inaceitável encontrarmos estudantes concluindo o 9º ano do ensino fundamental sem haver lido um livro de literatura, sem ter visitado um museu ou patrimônio cultural da cidade ou mesmo nunca terem acesso a expressar-se com o devido material artístico, as estatísticas nem sempre dão conta da qualidade do processo ensino-aprendizagem que identifiquem a leitura crítica da realidade.

Por meio da “palavramundo”, conforme enfatiza Paulo Freire (1990, p. 9), compreende-se um processo de decifração de experiências vivenciadas em um contexto particular, no qual se verifica um esforço de recriação e produção de releituras que interagem com experiências trazidas nas narrativas inseridas no “mundo da leitura”, num processo de apropriação e transformação do qual resultam descobertas sobre a própria condição humana, que ampliam o próprio sentido do processo ensino-aprendizagem.

Em face da necessidade de construirmos uma consciência de preservação do patrimônio público e também de espaços que valorizem a produção artístico-cultural da comunidade escolar enquanto lugar de pertencimento e manifestação de sua representatividade, construímos o projeto “Da sala de aula para o museu”, ao longo de uma trajetória de ensino, seja em escolas regulares quanto em Escola de Tempo Integral da rede pública municipal de Fortaleza, com o intuito de ampliar os horizontes do conhecimento, ao promovermos o diálogo permanente e sob gradativo aperfeiçoamento entre a Literatura, a Pintura e os demais campos do saber, haja visto que os equipamentos culturais estão distantes da periferia da cidade, onde estudam maior parte dos estudantes da rede pública.

Inicialmente, realizamos oficinas de leitura e interpretação de textos e imagens, para sensibilizar o olhar dos estudantes, bem como trabalhamos o senso crítico, almejando-se a desnaturalização das desigualdades sociais. Nesse sentido, apresentamos telas artísticas de artistas renomados da cultura ocidental, de Pablo Picasso a Van Gogh, de Frida Khalo a Tarsila do Amaral, assim como logramos êxito ao proporcionarmos visitas guiadas ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), ao Museu da Fotografia, à Caixa Cultural, à Estação das Artes, por meio dos quais os estudantes conheceram artistas que produziram suas obras no Ceará, assim como ampliaram seus horizontes no que tange ao âmbito artístico-cultural.

Essa primeira experiência motivou os estudantes a produzirem seus próprios trabalhos, o que permitiu também a construção de um Atelier na escola. Dessa forma, estabelecemos como objetivo dar continuidade à construção de espaços que permitam aos nossos estudantes se tornarem sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, haja visto que a criatividade é um fator indispensável para a efetiva fundamentação de habilidades: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1990, p.19).

Uma formação integral não se processa apenas com educação formal, mas também com espaços não formais de ensino aprendizagem, tais como os museus, as bibliotecas públicas, os teatros, os cinemas e patrimônios históricos. Esses espaços e as escolas precisam estar interligados promovendo uma formação que faça conexão entre os componentes curriculares obrigatórios, a escola precisa estar conectada à realidade. Nessa perspectiva, reiteramos a importância do pensamento de Paulo Freire e Antonio Candido, com os ensaios “A importância do ato de ler” (Freire, 1990) e “O direito à literatura” (Candido, 2011).

No que tange ao direito à Literatura, Antonio Candido enfatiza sua força de atuação no campo da personalidade, portanto ela está além de um processo mecânico voltado para quantificar descritores ou mesmo procurar estratégias para acertar questões de interpretação de texto, o que vem afastando a Literatura do livro didático, da realidade da sala de aula ou mesmo da própria BNCC (Base Nacional Curricular Comum), haja visto que a comunicação nas plataformas digitais precisam de uma orientação para que os novos leitores não se acomodem a leituras passivas ainda que deslumbrantes. Cabe, pois, buscarmos novas estratégias para que o texto literário não se torne cada vez mais uma exclusividade de poucos, quando a Literatura, na concepção de Antonio Candido (2011, p.188) compreende uma necessidade universal:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Na esteira do pensamento de Antônio Cândido, considerando que não há povo que possa viver sem a possibilidade de entrar em contato com a fabulação, o potencial humanizador da Literatura se evidencia na medida em que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2011, p.177), o que reforça o papel formador da personalidade para além das convenções, visto que os conflitos se engendram, na concepção do crítico, do confronto entre a realidade e o complexo artefato linguístico.

Uma obra literária, nessa perspectiva, é um objeto autônomo em estrutura e significado, no que tange à forma de expressão, ao manifestar emoções, visões de mundo de indivíduos e grupos; e no que diz respeito à forma de conhecimento, na qual se inscrevem no movimento dinâmico entre autor-obra-público-contexto. As obras literárias precisam circular entre os estudantes, daí a função primordial também das bibliotecas no cotidiano escolar. A experiência com o livro requer o envolvimento dos estudantes sob pena de tornarmos universos fascinantes em meros objetos empoeirados nas prateleiras de estantes.

Pensar a Literatura e trazê-la para a prática pedagógica, dado o seu potencial humanizador encontra um lastro consistente também junto ao pensamento de Paulo Freire (2020, p.25), em cuja concepção a educação é um processo permanente, dado, por um lado, à finitude do ser humano, assim como se faz necessário compreender o inacabamento da condição humana, haja visto que ensinar e aprender perpassa todas as atividades humanas: “Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia” (Freire, 2022, p. 24).

Na medida em que ensinamos, pois, lançamo-nos a um desafio de interagir por meio do diálogo, por conseguinte aprendemos tanto ao compartilharmos leituras de obras literárias e interpretações de coleções artísticas, quanto nos lançamos ao questionamento em torno de um trabalho artístico realizado por um estudante. Portanto é inaceitável que a escola se negue a questionar a realidade na qual os estudantes estejam inseridos, bem como é fundamental oferecer espaços de exposição de trabalhos realizados pelos próprios estudantes, visto que ensinar compreende também uma luta permanente por autonomia, que impulse o processo ensino-aprendizagem pensar a condição humana em sua radicalidade:

A radicalidade de meu ser, enquanto gente e enquanto mistério, não permite, porém, a inteligência de mim na estreiteza da singularidade de apenas um dos ângulos que só aparentemente me explica. Não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor da minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos da análise que faço, do que penso, do que digo. Como não pode ser esquecida a experiência social de que participo, minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha opção política, minha esperança (Freire, 2020, p. 19).

A articulação entre os conteúdos aprendidos na escola aos conhecimentos da experiência social da qual participam os estudantes é o grande desafio do processo ensino-aprendizagem, conforme verificamos convergir no diálogo entre Antonio Candido e Paulo Freire, sobretudo

O DIREITO À EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DA...

Weslei Ribeiro da Cunha / Eduardo Ferreira Chagas / Antonio Marcondes dos Santos Pereira

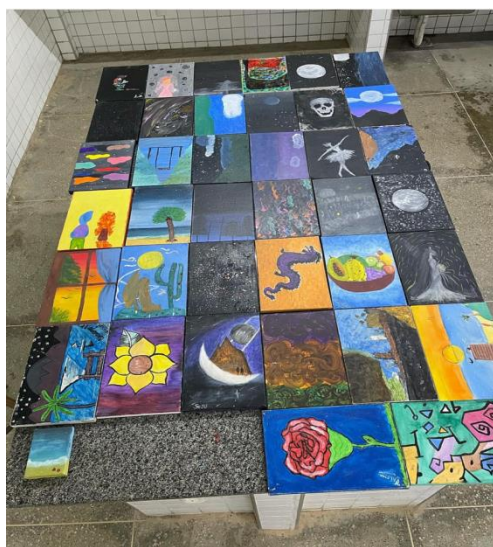
no que diz respeito à articulação entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, o que se faz necessário para o “letramento literário”. O legado histórico-cultural da humanidade não pode ter um acesso restrito, assim como não podemos subestimar a capacidade artística e intelectual dos nossos estudantes, nos quais identificamos também as tensões de uma realidade social desumanizante, que nos desafiam a repensar a todo momento imposições conteudistas, que restringe o professor à condição de “aulista”. Para Miguel Arroyo (2023, p.33):

Um dos significados mais positivos é que no chão das salas de aula crescem autorias profissionais e autocontroles sobre o que se faz sobre o trabalho docente. Porém autorias ocultas, silenciadas cientes de que nunca controlarão por completo o que fazem. Os controles do sistema, das diretrizes, dos ordenamentos curriculares e disciplinares, das avaliações continuaram rígidos, cada vez mais sofisticados, reagindo a esse crescimento de autorias docentes.

Os ordenamentos curriculares que tentamos conquistar, as salas de aula que tentamos dinamizar passam a ser territórios de disputa de concepções conservadoras, burocratizantes, controladoras das inovações.

A essa tentativa de construção da autoria docente, que deve ser permanente, trazemos para discussão para expandirmos e aperfeiçoarmos um plano de intervenção que vem sendo desenvolvido numa escola de tempo integral da rede pública de Fortaleza, não obstante admite críticas como forma de expandir as estratégias metodológicas que visam ampliar os horizontes do ensino da literatura numa perspectiva interdisciplinar, haja visto que proporcionamos a interação entre Literatura, Artes e História, incentivando o conhecimento do patrimônio histórico-cultural da cidade. A “palavramundo” é um processo que vai muito além da sala de aula, um “território em disputa”, uma vez que esta não pode estar desconectada do cotidiano e das questões sociais da comunidade escolar, como observamos nas próprias obras construídas pelos estudantes.

608



(Trabalhos dos estudantes resultantes das oficinas de Arte numa Escola de Tempo Integral da rede pública municipal de Fortaleza)

2. Letramento literário e a construção da “palavramundo”

No que concerne ao compromisso do processo de ensino-aprendizagem com o letramento literário, Rildo Cosson (2018) vai ao encontro das reflexões de Paulo Freire e Antônio Candido acima apresentadas ao enfatizar o caráter humanizador da literatura enquanto conteúdo fundamental do currículo escolar, para além de uma disciplina sem discussão, contextualização e articulação entre as demais disciplinas. Na medida em que o texto literário se inscreve na realidade escolar, podemos ampliar os horizontes do processo de leitura e compreensão, uma vez que, na compreensão de Cosson (2019, p. 29):

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância.

Ao mundo construído por palavras, verificamos um palco prismático, no qual se reúnem múltiplos saberes e olhares que transbordam o ensino da historiografia literária, o qual se faz necessária enquanto sistematização das escolas literárias, estilos de época e autores, no entanto o ensino da literatura não pode se reduzir a apenas uma entre tantas abordagens. Rildo Cosson (2019, p. 17) compreende que no exercício da leitura e da escrita do texto literário “encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada”.

Para Antonio Candido (1993, p.23), a literatura é um tipo de comunicação inter-humana, vista enquanto sistema simbólico. No sistema literário, as obras agem tanto umas sobre as outras como agem sobre os leitores, para que se consolide a sua existência. Assim, a efetivação da comunicação inter-humana depende tanto da mediação entre autor e público, através da obra literária, bem como da mediação entre autor e obra, através do público, uma vez que a escrita possibilita a manifestação alheia, seja como revelação de si mesma, seja como incentivo para pensar a realidade. Portanto, escritor e obra formam um par solidário, funcionalmente vinculado ao público, cuja tarefa é a de decifrar, aceitar ou mesmo refutar a obra literária, visto que

a obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação

humana, para configurar a realidade da literatura atuante no tempo (Candido, 2000, p. 74).

No que concerne à tríade discurso-obra-escrita, consideramos imprescindível destacar que a importância do trabalho pedagógico na formação de novos leitores, para o efetivo direito à literatura, à construção da “palavramundo”, de forma mais democrática e por uma educação pública de qualidade desde os primeiros anos de letramento. Almejando-se a uma continuidade literária, “espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo” (Candido, 1993, p.24), a experiência da Literatura, bem como de toda expressão artística requer um exercício pedagógico que a escola não pode estar alheia, trata-se de uma experiência que não pode ser exclusiva a uma minoria da população.

A partir da concepção de Antonio Candido (2000, p.74), de que a literatura é “um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”, cabe questionarmos acerca da formação de novos leitores na esfera de um país continental que é o Brasil, a fim de retornarmos à incisiva reivindicação do autor: o direito à Literatura. Nessa perspectiva cabe questionarmos por que a muitos a Literatura é inacessível? Por que tantos estudantes não têm acesso aos equipamentos culturais da cidade: cinema, bibliotecas, museus?

Como seria se o sistema literário estivesse voltado também para a formação de novos leitores nos anos iniciais, aqueles que não dispõe de uma biblioteca pessoal em casa, nem muito menos de pais ou responsáveis que tenham transmitido a experiência da leitura? Nas periferias das grandes cidades, enfrentamos esse desafio em escolas que não dispõem de estrutura adequada, bibliotecas escassas de exemplares e espaços insalubres e insuficientes para atividades que permitam a interdisciplinaridade.

Rildo Cosson (2019, p. 23) enfatiza que o letramento literário compreende uma responsabilidade da escola, uma prática social, e que, ao distanciar-se de sua função essencial, “de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”, o ensino da literatura logra a própria falência diante de metodologias que não permitam essa experiência compartilhada que perpassa a leitura do mundo e da palavra, sobretudo quando se utiliza o literário para análises estritamente historiográficas ou como pretexto para análises estritamente linguísticas ou ainda enquanto análises que desconstruam a experiência do letramento literário em prol de uma escolarização imprópria, responsável por transformar a literatura em “um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu processo de humanização” (Cosson, 2019, p.23).

Para Rildo Cosson (2019, p. 28), existe o equívoco de considerar a leitura literária uma atividade tão individual que não possa ser compartilhada, haja visto que, enquanto campo indispensável para a formação humana, a literatura se revigora com o compartilhamento de leituras:

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. É por essa razão que lemos o mesmo livro de maneira diferente em diferentes etapas em nossas vidas. Tudo isso fica mais evidente quando percebemos que o que expressamos ao final da leitura de um livro não são sentimentos, mas sim os sentidos do texto. E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores.

Com efeito, Rildo Cosson (2019, p.30), ao prezar por uma concepção de formação humana no processo de letramento literário, vai ao encontro das concepções de Antônio Cândido e Paulo Freire, sobretudo no que diz respeito à construção da “palavramundo” e ao direito à Literatura, haja visto que o letramento literário pretende ir além da simples leitura, “porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem”.

611

Considerando essa necessidade de desenvolver um projeto pedagógico que ofereça condições para um processo do “letramento literário”, que possibilite uma ampla experiência literária que envolva também o caráter interdisciplinar, destacaremos a seguir o projeto de intervenção “Da sala de aula para o museu: um encontro da Literatura com a Pintura”, em desenvolvimento em escolas regulares a escola de tempo integral da periferia da cidade de Fortaleza.

3. Uma intervenção necessária

O Plano de intervenção “Da sala de aula para o museu” tem o propósito interdisciplinar de estimular nos estudantes o “letramento literário”, a partir da construção de espaços que permitam a manifestação da Arte, da cultura, da memória, da história e da identidade da comunidade escolar. Para tanto, mister se faz uma permanente utilização do acervo da biblioteca da escola, a fim de proporcionar uma leitura da obra de arte que permita uma sensibilização do olhar, bem como interpretações que desnaturalizam as desigualdades sociais que se automatizam no cotidiano da cidade.

Um efeito dessas desigualdades sociais pode ser conferida na distância dos equipamentos culturais fomentados pelo poder público. É comum escutar dos estudantes que não frequentam museus, não leem livros ou não visitam exposições artísticas. Não seria a Arte uma estratégia para o desenvolvimento de habilidades que ampliem os horizontes de leitura ou mesmo que permita uma desalienação do estudante para o exercício da cidadania enquanto agente construtor da própria história? Cabe enfatizar que as manifestações culturais que são realizadas na periferia da cidade, onde a escola está situada, precisam ser reconhecidas no âmbito escolar, haja visto que são expressões e leituras de realidades sociais peculiares.

Reiteramos também que a concepção de cultura vai além da obra consagrada nos meios acadêmicos. Nesse sentido, compreendemos que a expressão artística necessita estar presente enquanto meio de despertar a criatividade dos estudantes e fornecer um lastro essencial para o processo de formação de cada indivíduo para pensar sua realidade. A escola é um espaço onde o estudante pode desenvolver sua expressão acerca de sua realidade social e promover uma interação com os demais que compartilham seus questionamentos e sua sensibilidade crítica.

Concomitante ao trabalho de leitura do mundo e da palavra, estabelecemos um vínculo com o âmbito da Pintura ao oferecermos a disciplina Eletiva “Leituras e releituras dos clássicos da Pintura”, a qual motivou pesquisas sobre os clássicos da Pintura, desde as vanguardas históricas (expressionismo, cubismo, impressionismo, surrealismo) às telas de artistas que produziram suas obras no Ceará (Raimundo Cela, Antônio Bandeira, Chico da Silva, Aldemir Martins e Descartes Gadelha, os quais acompanharam o desenvolvimento da nossa cidade, representando-a sob diferentes prismas).

Em face da necessidade de expandirmos os horizontes interpretativos das obras artísticas sob múltiplas linguagens e códigos, propomos um diálogo entre os âmbitos da Arte, da Educação, da História, das Ciências da Natureza, bem como da própria Comunicação e Linguagem, além da Cultural Digital. Metodologicamente, a leitura literária se inscreve entre as fases que compreendem desde a escolha do livro na biblioteca ao incentivo a experiências artísticas.

Com efeito, partimos, inicialmente, da fase de prática plástica (descoberta, experimentação, organização e criação), assim como existem as fases da articulação entre as produções e a cultura, sucedida pela verbalização e compartilhamento das leituras, avaliação e interpretação e ilustração das imagens apreendidas na leitura literária e, por último, a fase de

O DIREITO À EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DA...

Weslei Ribeiro da Cunha / Eduardo Ferreira Chagas / Antonio Marcondes dos Santos Pereira

memória, que culmina nas exposições culturais. Esse processo prioriza a construção de uma cultura museal, valorizando-se, pois, a formação crítica dos estudantes.



(Registro fotográfico de uma oficina de composição literária: poemas e HQs)

Dessa forma, o presente projeto deve estar integrado ao calendário escolar, haja visto que as oficinas devem permear o diálogo interdisciplinar, processo que além de valorizar a construção contínua, permite semear os frutos de uma aprendizagem a partir da coletividade em diálogo com as questões sociais, daí podermos utilizar diferentes suportes artísticos: HQs (produção de histórias em quadrinhos), fanzines, pinturas em telas, dicionários virtuais, escrita literária, cordéis, manifestações artístico-culturais, dança, músicas, saraus e expressões que permitam a construção de uma ideia de pertencimento e identidade do estudante à escola.

Com efeito, as oficinas devem almejar a construção de representações a partir de uma leitura da própria realidade, a fim de nos apropriarmos dos conhecimentos que integram o currículo escolar e transformarmos o exercício da leitura literária para uma releitura criativa, deixando fluir a habilidade e sensibilidade artística de cada estudante na medida em que ele ilustra em forma de pintura as imagens da leitura literária ou mesmo interpreta em peças teatrais, numa análise geográfica, histórica, filosófica.

O desafio da construção da “palavramundo” compreende um processo permanente, uma vez que o âmbito escolar não pode estar dissociado do social. Ao trazermos o campo das

613

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 603 - 618
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Artes para dialogar com as demais disciplinas, almejamos lidar com a sensibilização do olhar diante das contradições de uma sociedade tão desigual e desonesta, bem como se faz indispensável a desnaturalização dessas contradições, de um modelo de sociedade que chega à realidade da sala de aula em suas filigranas mais ácidas, a qual resulta no indivíduo incapaz de pensar criticamente, que se aliena da riqueza do próprio potencial subjetivo da criatividade, restando-lhe, pois, o assujeitamento aos ditames de uma sociedade que produz riqueza para poucos às custas da espoliação, da mais valia do indivíduo que se encontra à margem.

Trazer a experiência do letramento literário a partir de oficinas de produção artística para o âmbito da educação escolar, com estudantes do Ensino Fundamental, é uma forma de ampliar o conhecimento, bem como se verifica um esforço de apresentar novos prismas artísticos, que lhes permitam uma ressignificação de saberes e experiências que permitem o compartilhamento do conhecimento para além de uma avaliação quantitativa, que pouco revela o processo de construção do saber, nos âmbitos histórico, filosófico, matemático, sociológico ou mesmo linguístico. Não cabe mais concebermos uma escola onde os saberes não se aproximem, onde docentes e discentes estejam entrincheirados a reproduzir um modelo de competição reduzido a notas e classificações. Esse sistema apenas reproduz a naturalização das desigualdades e nada contribui para um modelo democrático de Educação.

614

Considerações sobre arte, memória e educação

Estas considerações são provisórias e apresentam-se dentro de um dinâmico processo, que pretende se integrar ao contínuo aperfeiçoamento dos estudos acerca de metodologias que busquem ampliar o diálogo entre a escola e espaços culturais da cidade. Com efeito, o direito à apropriação cultural constitui uma condição fundamental para garantir a plena consolidação da democracia nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, a educação cumpre um papel decisivo no estabelecimento desse direito. Acessar a cultura e a arte, de um modo geral, é também suscitar a memória, cuja significação elementar repousa sobretudo no ato de lembrar. E toda lembrança é socialmente ativada. Reconfigurar o sentido da experiência social através da memória enseja a humanização; o tornar-se consciente do gênero para-si.

Mobilizar estudantes de escolas públicas de Fortaleza com o intuito de garantir-lhes o acesso à arte é, indiscutivelmente, também, valorizar a memória e democratizar a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, cujo pressuposto básico é a construção de identidades que expressam os modos peculiares de se *estar* no mundo. Isso se

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maior - Agosto 2024	p. 603 - 618
--------------------------	--------	-------	---------------------	--------------

traduz, por exemplo, na compreensão e reconhecimento da importância do patrimônio histórico-cultural da cidade, como uma forma de acessar as expressões artísticas, materializadas nos equipamentos urbanos e manifestações culturais diversas. Uma oportunidade para que os jovens possam entender pela “leitura do mundo”, os significados inscritos nesses “lugares de memória”.

Entramos aqui numa discussão extremamente relevante que é a questão da *Educação Patrimonial*, tema que deve atravessar o currículo das escolas públicas no Brasil como uma dimensão intrínseca ao processo de democratização da nossa sociedade. Dessa maneira, a educação patrimonial pode ser concebida enquanto todos os processos educativos formais e não formais que têm como olhar específico o patrimônio cultural, material e imaterial, apropriado socialmente como um recurso para o entendimento histórico das representações culturais em todas as suas manifestações.

Enfatizamos, em caráter de urgência, a necessidade de se pensar que uma formação integral dos estudantes não se dá apenas através da educação formal, restrita ao espaço da escola, mas, também, em espaços não formais de aprendizagem como museus, bibliotecas públicas, teatros e manifestações da cultura popular. A escola precisa estar conectada com esses espaços, pois considera-se que os processos educativos devem priorizar a construção coletiva e democrática do conhecimento, mediante a participação efetiva dos educandos junto às comunidades portadoras e produtoras das expressões culturais, onde convergem diversas noções de patrimônio cultural e memória social.

Oportunizar aos educandos o direito à arte, à memória e à cultura de sua região, do seu país e do mundo, constitui um processo de plena humanização, pois a característica fundamental de toda sociedade é a sua inerente historicidade, ou seja, ela é carregada de significados produzidos pelas ações humanas, que no âmbito da temporalidade, conferem sentidos à condição de existir nos espaços de sociabilidade.

Um monumento histórico tem a função de nos fazer lembrar e, nesse sentido, a história e a memória são atravessadas por contradições sociais. No contexto de uma sociedade marcada por profundos antagonismos de classes, o patrimônio histórico e cultural está diretamente ligado à memória do poder dominante, bem como, das minorias que resistem e também “negociam” sua ideologia e formas de reproduzir suas experiências sociais.

Pensando a arte em suas mais diversas manifestações, podemos destacar em especial a literatura, enquanto uma narrativa que expressa em imagens e representações, as visões de mundo, a ideologia, os sentimentos, os pensamentos, as intuições e a sensibilidade do autor. Ela revela o modo peculiar dos indivíduos em seu contexto histórico, seu cotidiano e suas relações mais contraditórias.

A arte de narrar histórias, se assim pudermos definir o significado mais imediato da literatura, constitui uma atividade humana pedagógica por excelência, tendo em vista que, o ato de construir personagens, espaços, lugares, ambientes e situações tipicamente humanas, contribui para desenvolver e aprofundar a compreensão da condição de existência dos seres humanos.

Nesse sentido, pensar a escola e o processo democrático de aprendizado dos educandos é suscitar uma reflexão inescapável acerca do papel que o currículo desempenha na sociedade contemporânea. O currículo, no dizer de Miguel Arroyo (2013), constitui um “território em disputa”, pois ele é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por conta disso, o currículo é o território mais cercado, mais normatizado, embora, ele seja também o mais “politicado”, “inovado” e “ressignificado”.

616

A literatura como arte, segundo Antônio Cândido, expressa uma necessidade universal de humanização do ser humano, condição que possibilita a plena posse de suas faculdades intelectuais, cognitivas e formação da personalidade, pois ela dá forma aos sentimentos e concepções de mundo que situam os indivíduos no processo da história.

A formação da consciência crítica tem como um de seus principais critérios nutrir-se do conhecimento legado e originado historicamente de múltiplos e variados âmbitos, tais como: as experiências subjetivas e coletivas; trocas simbólicas e acumulação de “capital cultural” de diferentes povos; saberes sistematizados socialmente; textos elaborados pela teoria social etc. Em suma, a apropriação cultural do conhecimento é paulatina, incessante e contínua. A arte de um modo geral, possibilita que os seres humanos desenvolvam habilidades cognitivas através de um processo que contempla o aprofundamento dos atos de apropriação desse conhecimento.

A literatura, em especial, nos fornece uma forma de consciência social que ultrapassa o senso comum da vida cotidiana. Ela mobiliza nossas faculdades intelectuais para prover nossa visão sobre o mundo, como uma espécie de farol que ilumina a escuridão da alienação da vida

reificada na sociedade capitalista; ela nos permite enxergar a realidade do mundo para além de sua aparência enganadora.

Com efeito, quando a escola promove ações pedagógicas e culturais que transbordam seus muros e se liberta das amarras do burocratismo irracional de gabinete, ela acaba produzindo um efeito positivo na formação da consciência social dos educandos, uma vez que ela pode alimentar a curiosidade e despertar nos jovens a ânsia do conhecimento sobre a verdade e a essência dos fenômenos do mundo como um todo.

Sob esse ângulo de visão, entendemos que o conhecimento é uma forma de saber que alimenta e potencializa nossa caminhada rumo à liberdade e a emancipação humana, isto é, a superação das condições de existência do modo vida da sociedade do capital. A literatura como uma expressão artística constitui, dessa maneira, uma práxis transformadora da realidade, pois sua função social é garantir que os seres humanos sejam humanizados e, portanto, reconheçam seu pertencimento ao gênero consciente para si.

Quando os jovens têm acesso à educação, à cultura, à arte, ao conhecimento, eles se tornam mais conscientes e aptos à realização da transformação social. Graças à leitura, por exemplo, podemos garantir a reprodução e manutenção da memória e da história de nossas experiências sociais. Nesse sentido, é necessário criar as condições para que o acesso à arte e a valorização da memória coletiva se transformem num direito inalienável e que deite raízes e se fortaleça em amplos setores da sociedade brasileira.

A arte é, dessa forma, uma manifestação universal em todos os tempos e espaços. Compreendemos, assim, que o ato de educar implica no reconhecimento de que a unidade ensino-aprendizagem, constitui um processo político-pedagógico intencional, haja vista que a educação, enquanto um produto da sociedade e da história, é uma expressão das formas de vida social que se desenvolvem e se consolidam ao longo do tempo.

Podemos considerar a arte como uma memória coletiva e universal da humanidade. Ela existe, enquanto um produto propriamente humano; uma condição única e singular que nos diferencia das demais espécies do reino animal. Assim, quando a escola promove atividades que oportunizem aos educandos o acesso à cultura, de um modo geral, ela está garantindo que a espécie humana continue reproduzindo seu legado cultural e o direito de todas as pessoas de se apropriarem dos conhecimentos historicamente produzidos.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 603 - 618
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Referências

- ARROYO, M. **Currículo, território em disputa**. 5ª ed. RJ: Vozes, 2023.
- CANDAU, V. M. **A didática em questão**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2019.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura Brasileira (Momentos decisivos)**. 7ª ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1993.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T.A Queiroz, 2000.
- CANDIDO, A. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COLEÇÕES ANTÔNIO BANDEIRA, ALDEMIR MARTINS, RAIMUNDO CELA, CHICO DA SILVA, DESCARTES GADELHA. <https://mauc.ufc.br/pt/acervo-colecoes/>
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1990.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- LIMA, A. de et al (Orgs.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo-SP. Ed. Cortez, 2006.
- OSTROWER, F. **Universos da arte**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-crítica. Primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.
- TV Assembleia: **Perfil entrevista Descartes Gadelha**. (Entrevista concedida à jornalista Janaína Gouveia). 13 dez 2018. <https://youtu.be/BEijP2K-XUE>